

Apresentação

Este número da revista *Numen* conta com textos que tratam de várias temáticas que têm como proposta pensar a religião no que se convencionou denominar de condição pós-moderna. Isto se deve ao fato de que os textos aqui publicados se originam de uma antiga revista eletrônica intitulada *Margens*, editada pela extinta Associação Brasileira de Estudos sobre Pós-modernidade entre 2004 e 2006. Uma vez que estes textos contavam apenas com versão eletrônica e a revista não está mais disponível na Internet, julgou-se importante tornar alguns de seus textos acessíveis. Como se pode notar, os textos selecionados tratam de vários fenômenos, indicando o desejo inicial daquela revista de pensar a pós-modernidade sem partir de uma conceituação restritiva do termo. A intenção era justamente o contrário. A partir das várias contribuições em torno da relação entre religião e pós-modernidade indicar alguns aspectos que circundam esta polêmica e polissêmica relação.

Isso, entretanto, não elimina a controvérsia em torno do tema, especialmente diante do termo pós-modernidade. Ainda hoje, ser chamado de pós-moderno pode não ser muito elogioso. Paira a suspeita com relação à pós-modernidade, como se fosse espécie de vale tudo. Entretanto, recentemente, pós-modernidade parece assumir conotações mais positivas, ainda que devido ao seu uso indiscriminado, o termo tenha se esvaziado. Apesar das mais variadas definições, a pós-modernidade guarda certas características comuns. Ela expressa a sensação de que conceitos caros à modernidade se mostram insuficientes para interpretar o mundo em que vivemos. É neste sentido que podemos entender o “fim” de várias categorias da modernidade: fim da história, fim do sujeito, fim do livro, dissolução da metafísica, etc. Todos estes “fins” não indicam que estas noções tenham sido superadas por termos descoberto uma “verdade” mais próxima do real, como se de repente a modernidade tivesse se revelado falsa e, que agora, descobrimos a verdade que ela procurava esconder. Não é uma transição de paradigmas, mas o questionamento da própria noção de grandes paradigmas explicativos. Nietzsche já havia nos alertado que para desmascarar determinada mentira é preciso criar outra. A própria verdade é mais um valor humano, demasiado humano. Como não temos fundamento

sólido, resta-nos interpretar o mundo. A interpretação se move no horizonte que nossa herança nos abre, levando em consideração a necessidade de se criar novos valores, sabendo que eles são provisórios. A relação com a modernidade não é de simples abandono, mas de diálogo crítico. O fim da história, do sujeito, do livro, da metafísica... indica apenas que certa interpretação destes termos, que queriam organizar a multiplicidade a partir de determinado fundamento, não mais é possível.

Estas características, algumas vezes de forma indireta, aparecem na abordagem da religião nos artigos selecionados para este número da *Numen*. No texto de Cleide, é possível identificar certa relação entre pós-modernidade e religião, buscando indicar a presença deste fenômeno mesmo onde ele aparece de forma não-dogmática. Numa reflexão que se vale das contribuições das ciências sociais para pensar a religião na pós-modernidade, Rodrigo Portella articula os movimentos religiosos contemporâneos com a secularização, oferecendo ao leitor importante reflexão teórica sobre o tema. Ainda no âmbito teórico, Althaus-reid, num tom provocativo, tece críticas a certos limites da teologia da libertação a partir da teoria Queer, sem, entretanto, negá-la como seu referente.

Outro elemento fundamental para o que se denomina de pós-modernidade é a proximidade entre religião e estética. É partindo desta problemática que Cláudio remete-nos para Kierkegaard, defendendo abordagem de seu pensamento que o considere como teo-poeta. Nesta mesma linha, o texto de Eduardo Calvani procura (des/re)construir as imagens de Jesus no cinema, partindo de algumas reflexões sobre o debate que seguiu ao lançamento do filme de Mel Gibson *A paixão de Cristo*. Por fim, Eduardo Gross nos conduz ao mundo da literatura, analisando a obra "A paixão segundo 'G.H.'" de Clarice Lispector, chamando a atenção para aspectos ontológicos da obra.

Boa leitura!

FPP